

## Paulo Luís Almeida

nasceu em Moçambique. Formou-se em Artes Plásticas – Pintura, FBAUP e doutorou-se pela *Universidad del País Vasco*. É Professor na FBAUP e investigador no Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

Há alguns anos começou a realizar pequenas intervenções anónimas, que se confundiam com gestos quotidianos. Estas intervenções não saiam do espaço doméstico da casa e da rua onde vivia, nunca eram anunciadas e raramente documentadas. Percebeu depois que também podia fazer desenhos e pinturas para evitar a exposição pública das intervenções e contornar a impossibilidade da sua realização; que desenhar podia ser uma forma estimulante de as pensar, realizar e documentar.

Esta relação entre contextos performativos e objetos pictóricos passou a contaminar o seu trabalho, um ensaio contínuo em torno de micronarrativas do quotidiano (a grande parte sem outra pretensão que não a de inventar fábulas para a vida de todos os dias). O trabalho, que se desdobra em desenho, pintura e performance, resulta de noções muito simples: a noção narrativa de prova; o deslocamento de gestos quotidianos; a transferência de ações entre contextos performativos e sociais.

- 1 *E havia ali...*, 2019  
Intervenção anónima com escadote e folhas de palmeira cobertas com grafite; vento e mar. Impressão a laser sobre papel fotográfico. 50 x 70 cm.
- 2 *Lotófagos* (Desenho 1 de 10), 2018  
Apar e tinta-da-china sobre papel Arches France. 76,5 x 56,5 cm
- 3 *Flag Semaphor A\_1*, 2018  
Intervenção anónima com mastros de madeira. Cardal do Douro, Mogadouro, Agosto 2018. Impressão a laser sobre papel fotográfico, 21 x 30 cm.
- 4 *Ogígia*, 2019  
Pedra negra e aguarela sobre papel de algodão, 30 x 32 cm



*Direção*  
Miguel Bandeira Duarte  
*Gestão de Coleções*  
Maria Helena Trindade  
*Serviço Educativo*  
Paula Góis Simões  
*Secretariado*  
Maria Emília Ferreira  
*Comunicação*  
Maria Alice Soares  
*Montagem*  
António Ferreira  
*Equipa Técnica*  
Maria Isabel Garcia  
Carlos Pires  
Manuel Moreira  
José Castro  
Maria Fátima Santos  
Norberto Quintino  
*Edição*  
Museu Nogueira da Silva  
*Impressão*  
Gráfica Vilaverdense  
Artes Gráficas, Lda.

**MNS**  
Unidade Cultural  
da Universidade do Minho  
Av. Central 61  
4710-228 Braga

www.mns.uminho.pt

*Informações*  
sec@mns.uminho.pt  
253 601 275

*Fotografia*  
Joana Jorge Gonçalves  
Patrícia Almeida  
*Agradecimentos*  
Joana Jorge Gonçalves  
Patrícia Almeida

Inaugura no dia 11 de maio de 2019,  
pelas 16:30 horas.

De 11 de maio a 6 de julho de 2019



# PAULO LUÍS ALMEIDA

## *Insula Perdita* - *Desenhos*



### Depoimento

*Insula Perdita* é uma exposição de desenhos que representam ilhas, palmeiras em fim de vida e notas de intervenções anónimas. A exposição teve a sua origem no cruzamento de duas histórias: a primeira tem o seu centro na renúncia da ilha de Melville em 2003 pelo Governo Australiano de então e acompanha, a partir daí, as representações das ilhas que foram abandonadas ou proscritas; a outra história segue o esforço para evitar o fim anunciado de uma espécie particular de palmeira na cidade do Porto. Há um tempo presente em que as duas histórias coincidem, mas sobretudo a percepção de um desaparecimento que se revela quando as histórias se tocam.

Na renúncia às ilhas — lugares isolados por definição — cumpre-se a condição que a palavra ilha encerra: as ilhas foram deixando de ser os lugares de desejo que buscávamos para se tornarem nos espaços que a imaginação renega e isola. Há muito que os principais lugares imaginários deixaram de ser ilhas. Existem com certeza razões para procurarmos a origem das ilhas imaginárias na geografia política do mundo, como se estes lugares imaginários não fossem, por si, suficientes. Há um lugar real onde Ítaca e Ogígia se projectam nos mapas. Deixei de fora o nome real das ilhas desenhadas. Sem o nome, e representadas pelo desenho do seu perfil como era comum nos livros de navegação do século XVIII, as ilhas confundem-se entre si. Quis ensaiar o movimento inverso com estas ilhas reais, procurando-as agora nas listas de lugares imaginários.

Também as palmeiras foram os emblemas com os quais se ensaiou o paraíso prometido. Por isso estão tão próximas do significado das ilhas. São hoje, nos espaços a norte que vieram ocupar, o lugar das contradições que a sua vulnerabilidade e o fim do seu ciclo de vida faz surgir. Comecei a desenhá-las à medida que desapareciam à minha volta, uma a seguir à outra, sem ordem nem programa. No fim, era como se nada tivesse existido na paisagem.

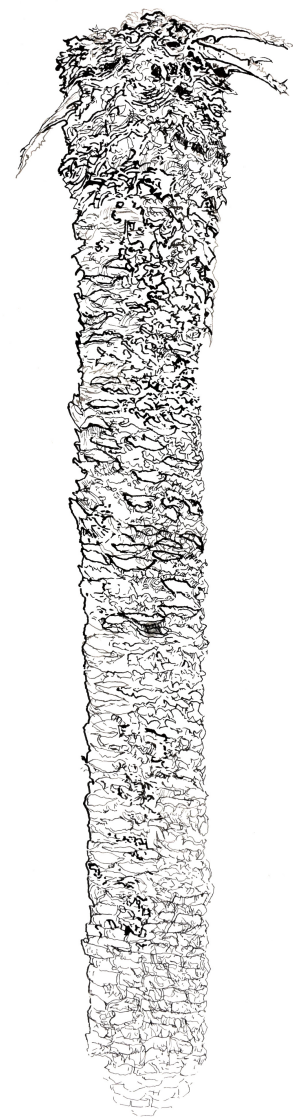
Em ambas as histórias queria desenhar para me ligar a um tempo presente, para testemunhar que estas imagens foram realmente vistas e interrogadas; para criar um rumor à sua volta. Havia um impulso documental nestes desenhos: a mesma necessidade de fixar as coisas e passar tempo com elas que é próprio do gesto que desenha. O que me interessa das imagens documentais é a sua ligação com a História da existência mais comum. A História, recordava Benjamin, decompõe-se em imagens, não em narrativas. Por isso os documentários são modalidades da ficção. Constituem-se como ligação entre as imagens, testemunhos e vestígios de acções. São arranjos de acções. Mas nem tudo pode ser descrito, e esse é o problema das imagens documentais. Há uma resistência do real que excede a capacidade de representação.

Porque o gesto de quem desenha nunca é neutro, desenhar é um exercício de análise que revela padrões e procura os pontos comuns que aproximam as imagens, revelando o que nelas é periférico e entrevistado. Mas o desenho é também o meio em que estas histórias podem ser compreendidas como reencenação, deslocadas no tempo e enxertadas num novo espaço virtual de realização.

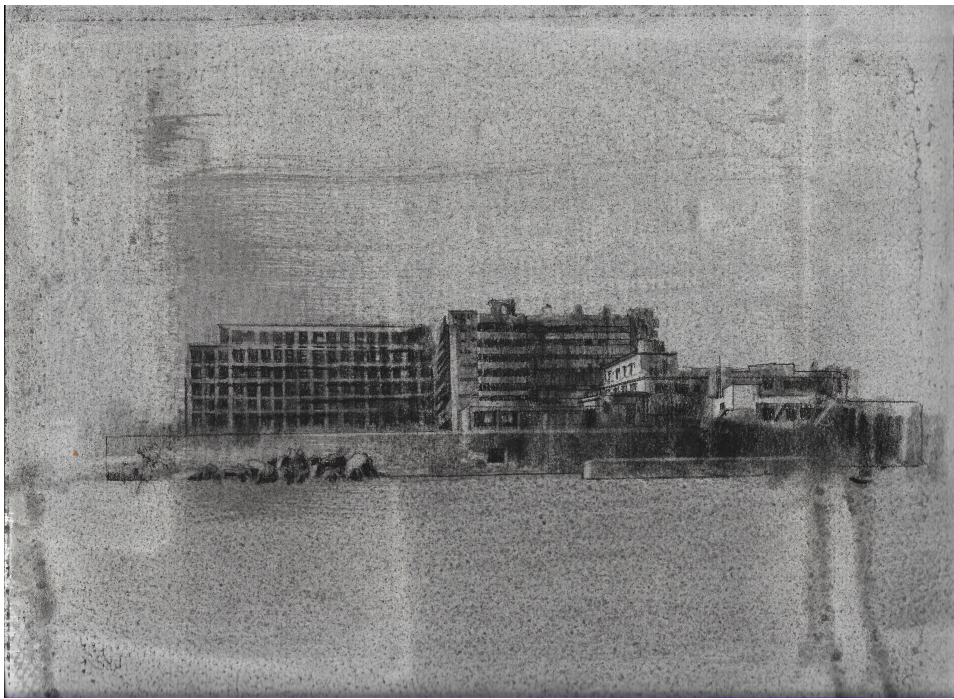




1



2



4



3